



REDE DE  
OBSERVATÓRIOS  
DA SEGURANÇA

# A VIDA RESISTE: ALÉM DOS DADOS DA VIOLÊNCIA

**cesec**

Centro de Estudos de Segurança e Cidadania

### **Agradecimentos**

Alma Preta, LabJaca, Juventude Ativa de Cajazeiras, Mães pela Diversidade, Marcha das Mulheres Negras de São Paulo, Grupo Comunidade Assumindo Suas Crianças

<b>A VIDA RESISTE: ALÉM DOS DADOS DA VIOLÊNCIA</b>	
<i>Dudu Ribeiro</i>	04
<b>A REALIDADE EM DADOS</b>	
<i>Pablo Nunes</i>	06
<b>BAHIA</b>	
<b>O DESAFIO DE MANTER-SE VIVO</b>	
<i>Dudu Ribeiro e Luciene Santana</i>	14
<b>PORTA-VOZ DAS COISAS BELAS</b>	
<i>Marcos Paulo de Oliveira Silva - Juventude Ativista de Cajazeiras (Jaca)</i>	17
<b>CEARÁ</b>	
<b>POPULAÇÕES VULNERÁVEIS NA PAUTA</b>	
<i>Ana Letícia Lins e Ricardo Moura</i>	19
<b>TIRE O SEU PRECONCEITO DO CAMINHO QUE VAMOS PASSAR COM O NOSSO AMOR</b>	
<i>Mães Pela Diversidade</i>	22
<b>PERNAMBUCO</b>	
<b>ONDE OS MAIS JOVENS NÃO TÊM VEZ</b>	
<i>Dália Celeste e Edna Jatobá</i>	24
<b>ONDE CRIANÇAS E JOVENS PODEM SONHAR</b>	
<i>Ciro Henrique S. Da Silva - Jovem multiplicador do GCASC</i>	28
<b>RIO DE JANEIRO</b>	
<b>RESISTIMOS A UM LUTO QUE NUNCA CESSA</b>	
<i>Bruna Sotero e Pedro Paulo Silva</i>	30
<b>NARRATIVAS DA FAVELA</b>	
<i>Thiago Nascimento - LabJaca</i>	34
<b>SÃO PAULO</b>	
<b>O SILÊNCIO PERDE ESPAÇO PARA A DENÚNCIA</b>	
<i>Bruno Paes Manso e Francine Ribeiro</i>	36
<b>POR QUE SEGUIMOS EM MARCHA!</b>	
<i>Marcha das Mulheres Negras de São Paulo</i>	39
<b>QUEM FAZ A REDE DE OBSERVATÓRIOS</b>	40

**REDE DE OBSERVATÓRIOS  
DA SEGURANÇA**

Um projeto do Centro de Estudos  
de Segurança e Cidadania (CESeC)

**Coordenação do CESeC**

Julita Lemgruber  
Leonarda Musumeci  
Sílvia Ramos

**Coordenador adjunto**

Pablo Nunes

**EQUIPE DA REDE DE OBSERVATÓRIOS  
DA SEGURANÇA**

**Coordenadora geral**

Sílvia Ramos

**Coordenador de pesquisa**

Pablo Nunes

**Coordenadora de comunicação**

Juliana Gonçalves

**Pesquisador**

Jonas Pacheco  
Pedro Paulo da Silva

**Articuladora e pesquisadora**

Bruna Sotero

**Analista de redes sociais**

Marcos Vinícius de Araújo

**Designer**

Renato Cafuzo

**Gerente**

Ana Paula Andrade

**OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA  
BAHIA**

Dudu Ribeiro  
Luciene da Silva Santana

**OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA  
CEARÁ**

Ana Leticia Lins  
Cesar Barreira  
Ricardo Moura

**OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA  
MARANHÃO**

Luiz Eduardo Lopes da Silva  
Thiago Brandão Lopes

**OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA  
PERNAMBUCO**

Dália Celeste  
Deila Martins  
Edna Jatobá

**OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA  
PIAUI**

Elton Guilherme  
Lila Cristina Xavier Cruz  
Maria D'alva Macedo Ferreira  
Marcondes Brito da Costa

**OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA  
RIO DE JANEIRO**

Bruna Sotero  
Itamar Silva  
Pedro Paulo da Silva  
Sílvia Ramos

**OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA  
SÃO PAULO**

Bruno Paes Manso  
Francine Ribeiro

**ORGANIZAÇÕES FORMADORAS DA REDE**

Centro de Estudos de Segurança e  
Cidadania (CESeC)  
Iniciativa Negra por uma Nova  
Política sobre Drogas (INNPD)  
Gabinete de Assessoria Jurídica às  
Organizações Populares (Gajop)  
Laboratório de Estudos da Violência  
(LEV/UFC)  
Núcleo de Estudos da Violência  
(NEV/USP)  
Núcleo de Pesquisas sobre Crianças,  
Adolescentes e Jovens - (UFPI)  
Rede de Estudos Periféricos -  
(UFMA/ IFMA)

**PARCEIROS NA COLETA DE DADOS**

Fogo Cruzado  
Fórum Brasileiro de Segurança Pública  
Monitor da Violência

**FALE COM A GENTE**

rededeobservatorios@gmail.com  
Twitter: @rede\_seguranca  
Facebook: @rededeobservatorios  
Instagram: @redeobservatorios

**APOIO**

FORD FOUNDATION

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sueli Costa CRB-8/5213

Ramos, Sílvia

A vida resiste [livro eletrônico]: além dos dados da violência / Sílvia Ramos...[et al.]; fotografia Alma Preta,  
Bruno Itan, Felipe Iruata. - Rio de Janeiro : CESeC, 2021.

10 mb ; PDF

Vários autores: Dudu Ribeiro, Pablo Nunes, Pedro Paulo da Silva, Brunna Sotero, Ana Leticia Lins, Ricardo Moura,  
Luciene Santana, Dália Celeste, Edna Jatobá, Bruno Paes Manso, Francine Ribeiro, Thiago Nascimento, Marcos  
Paulo de Oliveira Silva, Ciro Henrique S. da Silva, Mães da Diversidade, Marcha das Mulheres Negras São Paulo,  
Juliana F. Gonçalves

ISBN: 978-85-5969-010-1

Violência 2. Segurança Pública 3. Racismo 4. Sobrevivência

I. Título.

CDD-303.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Violência 303.6



# A VIDA RESISTE: ALÉM DOS DADOS DA VIOLÊNCIA

*Dudu Ribeiro*

É somente durante a vida que lidamos com a morte<sup>1</sup>. A partir dessa perspectiva, abrimos este segundo relatório anual da Rede de Observatórios da Segurança com dados da Bahia, do Ceará, de Pernambuco, do Rio de Janeiro e de São Paulo. A Rede, ao longo da sua existência, buscou produzir sentidos e contribuir para melhor observar essa paisagem brasileira, onde os aspectos da circulação da vida estão diretamente relacionados à violência. Catalogamos, observamos, mas também ruminamos, processamos, deglutimos e somos afetados pelos “dissabores” e pela “acidez civilizatória das desgraças” que fervem no estômago.

Para a cosmovisão africana ubuntu, *eu sou porque pertença*. Portanto, cada bala, cada dor, cada trajetória que se torna também dados nas pesquisas que fazemos nos afeta em coletividade, em um sentido que a cosmovisão ocidental branca não consegue alcançar, pois está baseada na ideia do “eu”. Essa dor coletiva é fruto de uma política de morte (necropolítica<sup>2</sup>) aos grupos desprivilegiados – no imaginário comum, vistos como inimigos – e é condição para o que Achille Mbembe chama de política da inimizade<sup>3</sup>.

A construção do inimigo é um efeito das democracias liberais e a violência é uma prática na democracia. Nós podemos afirmar e comprovar com o nosso monitoramento que a construção desse inimigo combatido com a violência de Estado é racialmente determinada. Uma tática que tanto não protege todas as vidas como se orienta para a distribuição da morte territorialmente. Assim, do nosso relatório de um ano, publicado no ano passado, nós conseguimos extrair que o racismo é motor da violência<sup>4</sup>.

O imaginário comum – onde seremos, negras e negros, o “outro”, o inimigo – é uma construção do homem branco. Nessa lógica, a humanidade é o que mais possa se aproximar da branquitude<sup>5</sup>. Os demais povos racializados são subjugados à lógica dessa supremacia. Essas condições privilegiam e contaminam a possibilidade de existência, a partir unicamente da expectativa de sobreviver. No mundo conceitual branco, o inconsciente coletivo das pessoas negras estará sempre pré-programado

*“Sobre uma avenida margeada de cabeças pálidas  
com absurdos olhos arregalados de cão secular  
e dentes trincados em rosnar de raiva  
passo. Eles tentam contorcer o meu jeito  
de caminhar sobre as estrelas, debilitar  
com seu olhar de ácido sulfúrico  
a fenotipia faraônica do meu sorriso.  
Não conseguem. Gritam desumanidades,  
injúrias. Botam suas línguas para fora e babam  
a acidez civilizatória das suas desgraças.  
Depois invejam e tentam atirar  
– com seus dedos de rifles apontados –  
para mim.”*

(NUNES, Davi. Banzo. Salvador, 2020)

<sup>1</sup> MEDEIROS, Flavia. Matar o morto – Uma etnografia do Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro. Eduff: Rio de Janeiro, 2016.

<sup>2</sup> Conceito criado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe em 2006, baseia-se na premissa de que o Estado pode decidir quem vai viver e quem vai morrer.

<sup>3</sup> Um modelo civilizacional baseado nas razões de (in)segurança e na instauração de um estado de exceção em escala mundial, apoiado na “necropolítica”. É a ideia de ter um de inimigo e da fantasia de extermínio na contemporaneidade.

<sup>4</sup> <http://observatorioseguranca.com.br/wp-content/uploads/2020/07/Racismo-motor-da-violencia-1.pdf>

<sup>5</sup> Lugar estrutural onde o sujeito branco vê os outros e a si mesmo, a partir de uma posição de poder

para a alienação, a decepção e o trauma. Não é, portanto, com o sujeito negro que lidamos, mas com as fantasias brancas sobre o que a negritude deveria ser. Como respostas, podemos não viver sob a ótica do objeto da exploração e da violência de outros povos, como sugeriu C.R.L James<sup>6</sup>.

NO MUNDO CONCEITUAL BRANCO,  
O INCONSCIENTE COLETIVO DAS  
PESSOAS NEGRAS ESTARÁ SEMPRE  
PRÉ-PROGRAMADO PARA A ALIENAÇÃO,  
DECEPÇÃO E TRAUMA

Por isso, falamos também em *ukama*, um termo da língua xona<sup>7</sup> que vem do verbo “kama” e significa ordenhar. Do verbo, deriva o substantivo “hama”, ou uma pessoa com um vínculo afetivo que passa a ideia de que se alimentou do mesmo leite materno que eu. Para o escritor e filósofo Jean Bosco Kakozi, *ukama* está conectado com *ubuntu*, através da ideia de humanidade e de relação com os outros seres. O “hama” nos liga com nossos ancestrais, é a ligação entre os vivos, os mortos e os ainda não nascidos. Por isso, ao longo deste relatório, faremos o exercício de lembrar dos que já se foram, nessa encruzilhada do *ubuntu* e do *ukama* que implica uma prática permanente da memória.

Faremos isso levantando uma grande bandeira em defesa da vida. Mas não a partir de uma expectativa vazia, privilegiada – e muito menos de uma ingênua – frente ao massacre negro. Apresentamos este material como possibilidade de ser incorporada a superação de uma visão de mundo onde o padrão sempre foi o silenciamento das nossas possibilidades de propor a vida, um silêncio “cheio de significados”.

Somos chamados à urgência da vida. Metade do tempo de existência da Rede de Observatórios se deu durante a pandemia do coronavírus. Nesse período, ativistas estiveram na linha de frente na prevenção à doença, na distribuição de cestas básicas, auxiliando quem ficou sem renda e quem continuou na linha de tiro. Assistimos na prática a ações de sobrevivência garantidas pelo pertencimento do coletivo em uma construção de bem-viver<sup>8</sup>. Ações que se colocam contra o silenciamento-padrão da nossa existência e estarão presentes neste relatório também.

O objetivo é nos tornar sólidos, fazer todo o possível para o nosso povo florescer como farol de uma perspectiva outra de mundo, permitindo a (re)constituição de uma comunidade centrada na vida e o restabelecimento do ciclo vital que ressignifica a morte. Continuaremos a combater os mecanismos que produzem a morte violenta, a insistência na política de certidão de óbito. A violência racial que atua para esvaziar a vida. A vida resistirá: “meu sangue é semente que o vento enraíza”, “meu nome é aquele que não morre”. “Um dia eu faço a vida viver”<sup>9</sup>.

CONTINUAREMOS  
A COMBATER OS  
MECANISMOS QUE  
PRODUZEM A MORTE  
VIOLENTA, A INSISTÊNCIA  
NA POLÍTICA DE CERTIDÃO  
DE ÓBITO

<sup>6</sup> C. L. R. James. Os Jacobinos Negros. Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. Boitempo: São Paulo, 2010.

<sup>7</sup> Grupo de línguas africanas faladas nas províncias de Manica, Tete e Sofala de Moçambique, na metade Norte do Zimbábue e no Leste da Zâmbia.

<sup>8</sup> Construção de novas possibilidades de mundo baseadas na organização coletiva baseada na cosmovisão de comunidades tradicionais.

<sup>9</sup> ALEIXO, Ricardo. Pesado demais para a ventania. São Paulo: Todavia, 2018.

# A REALIDADE EM DADOS

*Pablo Nunes*

São dois anos de existência da Rede de Observatórios. Ou 730 dias de monitoramento de acontecimentos em cinco estados brasileiros: Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Nesses dois anos, foram registrados a morte do menino Miguel no Recife; os ataques de grupos criminais no Ceará; o massacre em Paraisópolis, em São Paulo; a morte de tio e sobrinho por terem furtado carne no mercado Atakarejo, na Bahia; o aumento das mortes em operações policiais no Rio de Janeiro e a Chacina do Jacarezinho.

Foram 31.535 eventos, divididos em 16 indicadores, monitorados pela Rede nesses dois primeiros anos. Como no primeiro ano, as ações de policiamento seguem sendo o principal tópico de informações sobre segurança e violência nos cinco estados monitorados. As polícias brasileiras se notabilizam pela sua ostensividade, pelas suas operações policiais e menos pelas suas atividades investigativas. Não à toa vemos tantas ações policiais monitoradas (18.037), em sua grande maioria movidas pelo combate ao tráfico de drogas, como será visto adiante neste relatório.

Os eventos envolvendo armas de fogo, que correspondem a casos de balas perdidas, tiroteios, acidentes, suicídios etc., também reúnem número expressivo de eventos (3.950) em dois anos, com destaque para os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Notamos também que, apesar de números expressivos de eventos envolvendo armas de fogo, os estados do Nordeste possuem dinâmica específica acerca de casos de violência envolvendo as chamadas “armas brancas”.

Fechando o ranking, os casos de feminicídio e violência contra as mulheres somaram 3.346 eventos em dois anos. Tema do nosso relatório anterior “A dor e a luta”<sup>10</sup>, a violência contra a mulher tem estado cada vez mais em destaque na imprensa e no debate público, principalmente pelos casos absurdos que nos chegam pelo noticiário. Muitas das vezes, essas violências se recobrem de um grau de perversidade e de crueldade que chamam atenção pelo ódio expresso ao feminino.

Nos primeiros cinco meses de 2021, houve aumento generalizado no número de eventos monitorados pela Rede. Dos 16 indicadores, apenas cinco registraram reduções (Vitimização de agentes do Estado; Sistemas penitenciário e socioeducativo; Chacinas; Racismo e injúria racial e Ações e ataques de grupos criminais). Entre os indicadores com maior número de registros, houve aumentos de 13% no número de ações de policiamento, de 6% nos eventos envolvendo armas de fogo e aumento de 26% no número de casos de violência contra a mulher e feminicídios. Pernambuco foi o estado que registrou o maior aumento de casos (77%), seguido de São Paulo (39%) e Rio de Janeiro (23%).

AS POLÍCIAS  
BRASILEIRAS SE  
NOTABILIZAM PELA  
SUA OSTENSIVIDADE,  
PELAS SUAS  
OPERAÇÕES  
POLICIAIS E  
MENOS PELAS  
SUAS ATIVIDADES  
INVESTIGATIVAS

<sup>10</sup> [http://observatorioseguranca.com.br/wp-content/uploads/2021/03/REDE-DE-OBS\\_FLASVIVEM-1.pdf](http://observatorioseguranca.com.br/wp-content/uploads/2021/03/REDE-DE-OBS_FLASVIVEM-1.pdf)

### Número de eventos monitorados - junho de 2019 a maio de 2021

	BAHIA	CEARÁ	PERNAM- BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	TOTAL GERAL
<b>POLICIAMENTO</b>	2.125	1.851	2.260	5.617	6.184	<b>18.037</b>
<b>EVENTO ENVOLVENDO ARMA DE FOGO</b>	605	532	1.427	438	948	<b>3.950</b>
<b>FEMINICÍDIO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER</b>	481	357	518	615	1.375	<b>3.346</b>
<b>VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES</b>	256	240	300	324	353	<b>1.473</b>
<b>MANIFESTAÇÃO, GREVE E PROTESTO</b>	164	49	133	305	801	<b>1.452</b>
<b>VITIMIZAÇÃO DE AGENTES DO ESTADO</b>	127	81	59	388	246	<b>901</b>
<b>VIOLÊNCIAS, ABUSOS E EXCESSOS POR PARTE DE AGENTES DO ESTADO</b>	98	68	26	72	310	<b>574</b>
<b>SISTEMAS PENITENCIÁRIO E SOCIOEDUCATIVO</b>	107	62	34	28	230	<b>461</b>
<b>SAQUES EM ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS OU OUTROS (CORONAVÍRUS)</b>	7	2	1	3	267	<b>280</b>
<b>CHACINA</b>	74	37	20	92	16	<b>239</b>
<b>AÇÕES E ATAQUES DE GRUPOS CRIMINAIS</b>	23	155	17	19	8	<b>222</b>
<b>VIOLÊNCIA CONTRA LGBTQIA+</b>	22	50	15	26	81	<b>194</b>
<b>LINCHAMENTO E TENTATIVA DE LINCHAMENTO</b>	29	40	56	25	20	<b>170</b>
<b>RACISMO E INJÚRIA RACIAL</b>	21	9	6	41	67	<b>144</b>
<b>CORRUPÇÃO POLICIAL</b>	3	28	0	16	16	<b>63</b>
<b>INTOLERÂNCIA RELIGIOSA</b>	4	6	0	7	12	<b>29</b>
<b>TOTAL POR ESTADO</b>	<b>4.146</b>	<b>3.567</b>	<b>4.872</b>	<b>8.016</b>	<b>10.934</b>	<b>31.535</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

### Número de eventos monitorados - janeiro a maio de 2021

	BAHIA	CEARÁ	PERNAM- BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	TOTAL POR EVENTO
<b>POLICIAMENTO</b>	295	335	576	1.194	1.188	<b>3.588</b>
<b>EVENTO ENVOLVENDO ARMA DE FOGO</b>	81	64	362	45	297	<b>849</b>
<b>FEMINICÍDIO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER</b>	61	58	131	134	373	<b>757</b>
<b>MANIFESTAÇÃO, GREVE E PROTESTO</b>	22	6	33	104	352	<b>517</b>
<b>VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES</b>	36	33	47	63	110	<b>289</b>
<b>VITIMIZAÇÃO DE AGENTES DO ESTADO</b>	29	23	6	80	41	<b>179</b>
<b>VIOLÊNCIAS, ABUSOS E EXCESSOS POR PARTE DE AGENTES DO ESTADO</b>	19	17	6	17	86	<b>145</b>
<b>SISTEMAS PENITENCIÁRIO E SOCIOEDUCATIVO</b>	11	16	14	2	46	<b>89</b>
<b>SAQUES EM ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS OU OUTROS (CORONAVÍRUS)</b>	0	2	0	1	67	<b>70</b>
<b>CHACINA</b>	11	6	4	23	1	<b>45</b>
<b>VIOLÊNCIA CONTRA LGBTQIA+</b>	1	9	2	9	19	<b>40</b>
<b>RACISMO E INJÚRIA RACIAL</b>	3	4	1	6	19	<b>33</b>
<b>LINCHAMENTO E TENTATIVA DE LINCHAMENTO</b>	3	2	15	3	6	<b>29</b>
<b>AÇÕES E ATAQUES DE GRUPOS CRIMINAIS</b>	0	6	4	1	1	<b>12</b>
<b>CORRUPÇÃO POLICIAL</b>	0	7	0	1	2	<b>10</b>
<b>INTOLERÂNCIA RELIGIOSA</b>	0	0	0	2	3	<b>5</b>
<b>TOTAL POR ESTADO</b>	<b>572</b>	<b>588</b>	<b>1.201</b>	<b>1.685</b>	<b>2.611</b>	<b>6.657</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

### Varição no número de eventos monitorados - janeiro a maio 2021 x 2020

	<b>BAHIA</b>	<b>CEARÁ</b>	<b>PERNAM- BUCO</b>	<b>RIO DE JANEIRO</b>	<b>SÃO PAULO</b>	<b>TOTAL POR EVENTO</b>
<b>POLICIAMENTO</b>	-47,4%	6,3%	100,7%	25,3%	14,0%	13,6%
<b>EVENO ENVOLVENDO ARMA DE FOGO</b>	-61,6%	-49,6%	67,6%	-18,2%	55,5%	6,1%
<b>FEMINICÍDIO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER</b>	-59,9%	3,6%	84,5%	39,6%	67,3%	26,6%
<b>MANIFESTAÇÃO, GREVE E PROTESTO</b>	-48,8%	-62,5%	175,0%	197,1%	229,0%	142,7%
<b>VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES</b>	-41,0%	-25,0%	-2,1%	3,3%	129,2%	10,3%
<b>VITIMIZAÇÃO DE AGENTES DO ESTADO</b>	-35,6%	-8,0%	-25,0%	-11,1%	-41,4%	-24,8%
<b>VIOLÊNCIAS, ABUSOS E EXCESSOS POR PARTE DE AGENTES DO ESTADO</b>	-38,7%	750,0%	20,0%	13,3%	22,9%	17,9%
<b>SISTEMAS PENITENCIÁRIO E SOCIOEDUCATIVO</b>	-69,4%	-20,0%	133,3%	-80,0%	-14,8%	-29,4%
<b>SAQUES EM ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS OU OUTROS (CORONAVÍRUS)</b>	-100,0%		-100,0%	-50,0%	76,3%	48,9%
<b>CHACINA</b>	37,5%	-25,0%	33,3%	43,8%	-50,0%	21,6%
<b>VIOLÊNCIA CONTRA LGBTQIA+</b>	-80,0%	-35,7%	-50,0%	50,0%	0,0%	-16,7%
<b>RACISMO E INJÚRIA RACIAL</b>	-50,0%	300,0%	-50,0%	-50,0%	216,7%	22,2%
<b>LINCHAMENTO E TENTATIVA DE LINCHAMENTO</b>	-76,9%	-75,0%	87,5%	0,0%	50,0%	-19,4%
<b>AÇÕES E ATAQUES DE GRUPOS CRIMINAIS</b>	-100,0%	200,0%	-20,0%	-92,3%	0,0%	-55,6%
<b>CORRUPÇÃO POLICIAL</b>				-75,0%		150,0%
<b>INTOLERÂNCIA RELIGIOSA</b>						
<b>TOTAL POR ESTADO</b>	<b>-51,7%</b>	<b>-7,8%</b>	<b>77,7%</b>	<b>22,9%</b>	<b>39,3%</b>	<b>15,9%</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

## AS HISTÓRIAS POR TRÁS DOS NÚMEROS

Nós só conseguimos reunir essas informações porque as pesquisadoras dos cinco estados possuem uma rotina diária de análise das informações produzidas por jornais, sites de notícias, grupos de WhatsApp, contas do Twitter e a sistematização dessas informações em um banco de dados. Essa base é posteriormente confirmada e criticada por outros membros da equipe, que também produzem as tabelas, os mapas e os gráficos que serão apresentados neste relatório.

Mais do que isso: as pesquisadoras locais possuem articulação com grupos da sociedade civil, estão inseridas em núcleos ou em projetos de pesquisa sobre as temáticas da violência, além de serem moradoras dos grandes centros urbanos, conhecedoras dos territórios periféricos e, muitas vezes, testemunhas de casos de violência.

Esse é o elemento principal da Rede: seus integrantes e suas articulações com outras pessoas e grupos locais. Muito mais valiosa do que a fria catalogação de dados e números é a forma pela qual contamos as histórias por trás desses números, produzimos análises baseadas em conhecimento especializado e criamos um conjunto de ligações entre outros atores.

MUITO MAIS  
VALIOSA DO QUE A  
FRIA CATALOGAÇÃO  
DE DADOS E  
NÚMEROS É A  
FORMA PELA QUAL  
CONTAMOS AS  
HISTÓRIAS POR  
TRÁS DESSES  
NÚMEROS

## PRODUÇÃO CIDADÃ DE DADOS

Muito embora as pessoas e suas conexões sejam o cerne, a Rede começou como uma forma de responder aos problemas de falta de transparência e de abertura de dados sobre criminalidade e violência. Em 2018, o Rio de Janeiro passava pela Intervenção Federal na segurança pública, medida de força tomada durante o governo do presidente Michel Temer, que pôs os rumos do Ministério da Defesa nas mãos de generais do exército. Essa medida inédita deixou a sociedade civil fluminense alerta. Assim, foi criado o Observatório da Intervenção, que se propôs a acompanhar a operação diariamente. A primeira questão levantada foi a ausência de dados produzidos pelo Estado sobre as operações policiais, apesar de sua regularidade e do papel central que desempenham no cotidiano do estado.

Por isso, desenvolvemos uma metodologia para a criação de um indicador de operações policiais que nos possibilitasse analisar e investigar aumentos ou reduções no número de operações; os locais que mais recebiam essas ações da polícia; os principais motivos etc. Desenvolvemos esse sistema e publicamos mensalmente o resultado desse monitoramento por meio de infográficos e relatórios especiais<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> <http://www.observatoriodaintervencao.com.br/>

Iniciativas como a do Observatório da Intervenção, da Rede de Observatórios e também do Fogo Cruzado, que monitora disparos e troca de tiros no Rio e no Recife, se colocam, como se convenção chamou, como iniciativas de produção cidadã de dados. Ou seja, na ausência ou na omissão do Estado em produzir e divulgar amplamente dados confiáveis e de qualidade para que políticas públicas sejam avaliadas, a sociedade civil se reúne e, por meio de metodologias criativas e inovadoras, produz dados fundamentais para a análise de diferentes aspectos da vida em sociedade.

Por nascerem da falta de transparência, essas iniciativas também se notabilizam pela total abertura de seus dados e pela parceria com outros grupos e pesquisadores que vasculham os bancos de dados e produzem análises e críticas que fortalecem as iniciativas e auxiliam no avanço e na melhoria das metodologias empregadas.

Esses dois anos de existência da Rede de Observatórios nos mostraram que a sociedade civil não pode deixar de produzir dados, baseados fundamentalmente na sua experiência territorial, nas suas articulações locais e no olhar atento e preciso de analistas/ativistas que possuem profundo conhecimento do contexto regional. É com ampla participação, transparência e produção de dados com qualidade que construiremos novos futuros baseados na luta contra o racismo, a discriminação de gênero e de orientação sexual e por uma sociedade mais justa e segura pra todxs.

## PROJEÇÕES FUTURAS

Depois de dois anos operando em cinco estados, amadurecendo o trabalho e nossa metodologia, entendendo que as questões estruturais do racismo, do machismo e também de classe (a base da herança colonial do Brasil) recortam todos os 16 indicadores que monitoramos e que acompanhar os dados da violência é nossa forma de contribuir para a mudança dessa realidade, a Rede de Observatórios da Segurança chega a mais dois novos estados do Nordeste ainda em 2021. A partir do segundo semestre, teremos análises do Maranhão e do Piauí.

No Piauí, são 224 municípios, uma população de 3 milhões de habitantes e um efetivo de apenas 6 mil policiais. Existem locais no interior em que não há policiamento. No passado, não havia um plano de segurança, apesar de o estado ser visto como um ponto estratégico para o narcotráfico por possuir o aeroporto do Brasil mais próximo da Europa – de Parnaíba até Portugal são cerca de seis horas. Com fronteiras com Ceará, Bahia, Pernambuco e Maranhão, o Piauí acaba recebendo as facções dos estados vizinhos, que transitam e se instalam no estado. A Rede de Observatórios chega buscando entender essa dinâmica através dos dados monitorados de maneira independente e idônea. Nessa empreitada, contamos com o Nupec - Núcleo de Pesquisas sobre Crianças, Adolescentes e Jovens, da Universidade Federal do Piauí - UFPI, uma iniciativa que já tem uma trajetória de 20 anos.

NA AUSÊNCIA  
OU NA OMISSÃO  
DO ESTADO EM  
PRODUZIR E  
DIVULGAR DADOS,  
A SOCIEDADE  
CIVIL SE REÚNE  
E PRODUZ DADOS  
PARA A ANÁLISE  
DA SOCIEDADE

Em 2020, o Maranhão apresentou um aumento de 30% no número de mortes violentas no estado, de acordo com o Monitor da Violência, mesmo com o isolamento imposto pela pandemia. O estado possui um vasto território e facções locais, além da atuação do Comando Vermelho e do PCC. Além disso, também tem índices crescentes de outros tipos de violência que acompanhamos, como LGBTQIA+fobia, racismo e violência contra a mulher. Até maio de 2021, 19 mulheres foram vítimas de feminicídio no Maranhão, enquanto em todo o ano de 2020 houve 60 registros.

O trabalho no estado começa com um olhar profundo para a periferia, com o apoio da Rede de Estudos Periféricos, que atua na Baixada Maranhense com pesquisadores de origem periférica, ligada atualmente a duas instituições de ensino e pesquisa no Maranhão: a Universidade Federal do Maranhão - UFMA e o Instituto Federal do Maranhão - IFMA. A inclusão do Maranhão nesta Rede coroa um esforço coletivo de pesquisadores, instituições públicas e organizações da sociedade civil em organizar e publicizar dados sobre a situação do estado

Assim como nos cinco estados já monitorados pela Rede de Observatórios com o Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC); a Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas (INNPd), da Bahia; o Laboratório de Estudos da Violência (LEV), do Ceará; o Gabinete de Assessoria Jurídica às Organizações Populares (Gajop), de Pernambuco e o Núcleo de Estudos da Violência (NEV/USP), de São Paulo, nosso interesse nesses dois novos estados é agregar trabalhos de grupos da organização civil, ajudar no debate da segurança e atuar na produção de dados independentes.

Existem dinâmicas novas e preocupantes em curso, com movimentações de facções, novos tipos de violência em bairros periféricos, execuções de adolescentes e jovens concentradas em algumas áreas. Além disso, um motivo forte da escolha foi a presença de núcleos de pesquisa comprometidos com a formação de pesquisadores jovens das periferias e da agenda contra o racismo dentro das próprias trajetórias institucionais.

BAHIA

NÃO  
ESQUECEMOS  
A CHACINA  
DO CABULA  
*AFRONTA!*

*AFRONTA!*  
RESPONSABILIZAÇÃO  
DO ATAKAREJO  
**JÁ!**  
#JUSTIÇAPOR  
BRUNO E YAN

# O DESAFIO DE MANTER-SE VIVO

Dudu Ribeiro e Luciene Santana

Na pandemia, mesmo sendo direito estabelecido no artigo 5º da Constituição manter-se vivo, no Brasil tem sido um desafio para uma grande parcela da população. O medo da morte pela Covid-19, o medo da morte pela fome e o medo da morte pelas balas são preocupações constantes na vida da população negra e periférica das grandes cidades.

O Estado se faz ausente, gerando o atraso da campanha de vacinação: até 27 de junho, apenas 11,95% da população haviam sido imunizados com a segunda dose da vacina, segundo o consórcio de veículos de imprensa. Também se faz ausente no desmonte das políticas de combate à fome: 19 milhões de brasileiros passaram fome nos últimos meses de 2020, segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. Ao passo que se faz presente em operações policiais com alto índice de letalidade, tendo a Rede de Observatórios da Segurança monitorado 3.792 casos de vítimas durante ações policiais entre junho de 2019 e maio de 2021 nos cinco estados da rede.

O ESTADO SÓ SE FAZ PRESENTE EM OPERAÇÕES COM ALTO ÍNDICE DE LETALIDADE

## Vitimização em ações de policiamento - junho de 2019 a maio de 2021

	BAHIA	CEARÁ	PERNAM-BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	TOTAL POR VITIMIZAÇÃO
<b>MORTOS</b>	461	51	60	827	731	2.130
<b>MORTES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES</b>	0	4	2	29	12	47
<b>FERIDOS</b>	49	44	38	727	757	1.615
<b>TOTAL POR ESTADO</b>	<b>510</b>	<b>99</b>	<b>100</b>	<b>1.583</b>	<b>1.500</b>	<b>3.792</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

A não garantia do direito à vida mantém a população amedrontada e o medo é um forte mecanismo de controle político/social aplicado contra territórios negros, sendo o racismo determinante das situações de violência. Segundo demonstrado no relatório “A cor da violência policial”, 97% das mortes que aconteceram em operações policiais na Bahia foram de pessoas negras.

O monitoramento de ações de segurança pública na Bahia visa divulgar a realidade local e as dinâmicas a partir dos indicadores pesquisados pela Rede de Observatórios da Segurança. Visa também ajudar a compreender os motivos pelos quais os dados oficiais são negados pela Secretaria de Segurança Pública da Bahia, em descumprimento à Lei de Acesso à Informação. Esses dados contribuiriam com a formulação de políticas públicas, a avaliação da gestão e a

O MEDO É UM FORTE MECANISMO DE CONTROLE POLÍTICO/SOCIAL APLICADO CONTRA TERRITÓRIOS NEGROS

identificação dos principais problemas, mas seguem como uma realidade oculta e o oculto não pode ser avaliado. Nesse contexto, a Rede atua no levantamento de dados confiáveis produzidos pela sociedade civil a partir do recorte das ações divulgadas pela mídia local.

Dentre os estados da Rede de Observatórios, a Bahia é o que possui a maior porcentagem de operações policiais motivadas pela repressão ao tráfico de drogas: foram 824, que equivalem a 36% do total de ações entre junho de 2019 e maio de 2021, enquanto no Ceará essa motivação representa 19%, em Pernambuco 26%, no Rio de Janeiro 20% e, em São Paulo, 14%.

### Motivações\* em ações de policiamento - junho de 2019 a maio de 2021

	BAHIA	CEARÁ	PERNAM- BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO
<b>CUMPRIMENTO DE MANDADO</b>	9,4%	26,1%	10,4%	23,8%	11,1%
<b>REPRESSÃO AO TRÁFICO DE DROGAS</b>	35,8%	19,3%	26,4%	20,8%	13,9%
<b>OUTROS FLAGRANTES</b>	33,8%	20,2%	46,7%	24,0%	61,2%
<b>OUTROS</b>	3,2%	5,7%	3,4%	9,4%	1,2%
<b>OPERAÇÕES PATRIMONIAIS</b>	7,7%	14,9%	0,6%	0,2%	4,8%
<b>FUGA/PERSEGUIÇÃO</b>	2,0%	2,9%	1,8%	8,0%	2,8%
<b>NI</b>	2,0%	1,2%	0,3%	11,0%	1,1%
<b>REPRESSÃO AO TRÁFICO DE ARMAS E MUNIÇÕES</b>	1,7%	7,2%	10,3%	0,7%	0,6%
<b>FESTAS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA PERIFERIA</b>	3,8%	0%	0%	0,5%	3,0%
<b>RETALIAÇÃO POR MORTE OU ATAQUE</b>	0,5%	1,6%	0,1%	0,7%	0,2%
<b>DISPUTA ENTRE GRUPOS CRIMINAIS</b>	0%	0,9%	0%	1,0%	0,1%
<b>TOTAL POR ESTADO</b>	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

\*Não há informações sobre as motivações das ações em todos os casos. Em outros casos há mais de uma motivação. Sendo assim, o número de ações monitoradas não é idêntico ao número de motivações.

No mesmo período, a Polícia Militar da Bahia se destaca como a principal força envolvida nas 2.125 ações policiais, estando presente em 1.485 dessas ações; a Polícia Rodoviária Federal é a segunda mais presente, em 353 ações e, a Polícia Civil, em 238 ações. Já no Ceará, a Polícia Militar está presente em 839 das 1.854 ações e, a Polícia Civil, em 787. Em Pernambuco, das 2.260 ações monitoradas, 1.431 foram realizadas pela Polícia Militar e 488, pela Polícia Civil. No Rio de Janeiro, das 5.617 ações monitoradas, 2.956 foram realizadas pela Polícia Militar e 1.551 pela Polícia Civil. Finalmente, em São Paulo, das 6.186 ações realizadas, 3.747 foram realizadas pela Polícia Militar e 1.800 pela Polícia Civil.

### Forças envolvidas\* em policiamento - junho de 2019 a maio de 2021

	BAHIA	CEARÁ	PERNAMBUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO
<b>POLÍCIA MILITAR</b>	69,9%	45,3%	63,3%	52,6%	60,6%
<b>POLÍCIA CIVIL</b>	11,2%	42,4%	21,6%	27,6%	29,1%
<b>POLÍCIA RODOVIÁRIA FEDERAL</b>	16,6%	4,8%	14,5%	5,5%	2,6%
<b>GUARDA MUNICIPAL</b>	1,9%	4,4%	0,7%	1,9%	11,2%
<b>POLÍCIA FEDERAL</b>	4,4%	8,0%	4,3%	3,4%	4,5%
<b>SECRETARIA PENITENCIÁRIA</b>	0,3%	2,4%	0,4%	0,6%	0,5%
<b>FORÇAS ARMADAS</b>	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%
<b>FORÇA NACIONAL</b>	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
<b>MINISTÉRIO PÚBLICO</b>	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

\*Cada ação de policiamento pode contar com mais de uma força e, em alguns casos, não há informação sobre a força envolvida. Sendo assim, os percentuais não somam 100% e devem ser lidos desta maneira: "das 2.125 ações de policiamento monitoradas na Bahia, a Polícia Militar esteve presente em 69,9% das ações".

A Bahia também lidera a estatística de mortes em operações policiais entre os estados do Nordeste: foram 461 mortes registradas e 49 feridos. Além disso, houve 247 vítimas em chacinas, sendo 165 vítimas fatais, ficando atrás apenas do estado do Rio de Janeiro, onde ocorreram 388 mortes.

### Vítimas fatais em chacinas - junho de 2019 a maio de 2021

<b>BAHIA</b>	165
<b>CEARÁ</b>	86
<b>PERNAMBUCO</b>	70
<b>RIO DE JANEIRO</b>	388
<b>SÃO PAULO</b>	61
<b>TOTAL</b>	770

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

Desta forma, policiais passam a ser vistos pela população como executores de pena capital legitimados pelo Estado, quando o objetivo primeiro de repressão ao tráfico de drogas resulta em uma pilha de corpos, sem afetar em nada a venda e o consumo de substâncias consideradas ilícitas. Pode-se afirmar então que resta uma lógica subvertida em que a repressão ao tráfico de drogas se transformou em justificativa para a letalidade do Estado.

POLICIAIS  
PASSAM A SER  
VISTOS PELA  
POPULAÇÃO  
COMO  
EXECUTORES

# PORTA-VOZ DAS COISAS BELAS

## Marcos Paulo de Oliveira Silva - Juventude Ativista de Cajazeiras (Jaca)

Quando quero fazer política, escrevo e recito poesia – como essa ao lado. Numa sociedade em que as pessoas pretas foram historicamente reprimidas e silenciadas pelo racismo, a voz, a fala, a capacidade de expressar o que a gente pensa ou sente, foram colonizadas, constrangidas pela mordada racial verde, azul e amarela. O silenciamento das populações

pretas é uma das sutilezas do racismo à brasileira, portanto, poder falar livremente, ou se expressar em qualquer linguagem, é quase um privilégio para algumas pessoas das classes subalternizadas, dado o grau do “cala a boca” que amordaça o povo preto.

Aqui, reflito um pouco sobre o lugar dessa juventude negra e “periférica” que encontrou, na escrita poética e nos saraus de poesia, a força motriz de suas ações sociais, práticas culturais, de lazer e relações de troca, *pari passu* ao seu fazer político. Em oposição ao terrorismo de Estado vivenciado em seus respectivos bairros, a arte passa de inofensiva para ofensiva, atuando contra o racismo da sociedade brasileira.

Minha trajetória com os saraus de poesia começou em 2011, após estagiar desenvolvendo atividades de incentivo à leitura na Biblioteca de Ítalo, na Casa do Sol Padre Luís Lintner, no bairro de Cajazeiras V. Essa região é uma zona periférica da capital, situada na cidade de Salvador, a cerca de 20 quilômetros do centro. No entanto, apesar de insistirmos nessa ideia de bairro, Cajazeiras é o maior complexo habitacional da América Latina<sup>12</sup>, com população aproximada de 700 mil pessoas, distribuídas entre 14 bairros e adjacências. Essa gigantesca periferia, que compõe uma das zonas segregadas da cidade, tornou-se o curral eleitoral perfeito para um grande número de políticos oportunistas.

Esse bairro é conhecido não apenas pelo tamanho de sua população, mas por grupos artísticos e espaços culturais autônomos que organizam diversas atividades em seus territórios. O sarau Jaca de poesia é um deles, pois promove o fortalecimento de identidades negras entre seus participantes, conexões entre diversas periferias, circuitos urbanos e redes de jovens que atuam nesses eventos sociais, transitando de um bairro a outro, vencendo a segregação urbana e os altos preços das passagens de transporte que são impostos à população pobre, constrangendo sua mobilidade urbana e seu acesso à cidade. Assim, essas redes contribuem para a circulação de ideias e articulações políticas no seio dessas regiões segregadas, gerando empoderamento e ressignificações do território estigmatizado pela mídia e pela violência policial. O Sarau Jaca de poesia trouxe a Cajazeiras não o rótulo de violenta, mas de polo da literatura soteropolitana.

Tendo em vista a realidade soteropolitana e as mazelas destinadas a Cajazeiras, o grupo Jaca organizou-se em escala local para enfrentar um conjunto de violências que recaem sobre os ombros da juventude negra e periférica da região. Mas como enfrentar o racismo estrutural e a segregação urbana vivenciados pelos moradores cotidianamente? Em primeiro lugar, nos organizamos em torno de emprego e renda, através de uma associação que se organizou para a realização do trabalho cooperativado de reaproveitamento de lixo tecnológico (metareciclagem). Em segundo lugar, com a produção cultural de ações e de eventos que promovessem voz e vez da juventude negra.

<sup>12</sup> <http://redacaounijorge2014.blogspot.com/2014/04/maior-bairro-da-america-latina-sofre.html>

CEARÁ



# POPULAÇÕES VULNERÁVEIS NA PAUTA

Ana Letícia Lins e Ricardo Moura

Uma característica que se manteve, ao longo desse período de dois anos, no monitoramento da Rede são os números significativos relacionados à violência contra a mulher, à violência contra a população LGBTQIA+ e, também, aos ataques de grupos criminosos. O trabalho de monitoramento cidadão desses casos nos permite compreender as dinâmicas e cobrar que populações vulneráveis sejam pautadas no planejamento e na execução da política de segurança pública, bem como que esses crimes tenham cada vez mais atenção da mídia local e no debate público. Esses parâmetros têm orientado o trabalho do Observatório no Ceará. Mudanças já podem ser observadas, como o emprego correto da designação dos crimes cometidos contra a população LGBTQIA+ no portal de notícias da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Ceará (SSPDS).

Embora seja necessário levar em consideração que o primeiro ano de trabalho da Rede foi marcado por uma considerável redução dos Crimes Violentos Letais Intencionais, percebemos que essa redução não foi constatada de forma igualitária. O exemplo mais emblemático dessa situação é a violência contra a mulher, que teve aumento em 2019 e continua, ainda hoje, a colocar o Ceará em lugar de destaque. Cabe ressaltar a possibilidade de que, entre esses casos, existam feminicídios que não foram monitorados como tal pela falta de informações qualificadas. Em 2020, por exemplo, a Rede de Observatório registrou 73% mais casos de mortes de mulheres por serem mulheres do que os números oficiais no Ceará. Monitoramos<sup>13</sup> 47 casos e o estado registrou apenas 27. Uma diferença que justifica a geração de dados cidadã.

Nos casos em que obtivemos informações suficientes, o perfil das mulheres cearenses vítimas de violência é: negras, assassinadas em dinâmica, por motivação que demonstra machismo e sentimento de posse (brigas ou término de relacionamento, por exemplo) e vitimadas pelas mãos de quem elas já confiaram em algum momento recente da vida, com especial atenção para maridos/ex-maridos e namorados/ex-namorados. Além disso, o Ceará é o segundo estado com maior número de homicídios de mulheres e o primeiro em número de tentativas de homicídio de mulheres. É relevante ainda o número de casos que tiveram como motivação o conflito entre grupos criminosos rivais, sendo o estado que compõe a Rede com o maior número desses casos (21).

Outra notória tragédia que tem colocado o Ceará em destaque é a violência contra a população LGBTQIA+: o estado fica atrás apenas de São Paulo (81 casos), tendo registrado 50 casos no período monitorado. Proporcionalmente, a situação

O TRABALHO DE  
MONITORAMENTO  
CIDADÃO  
DESSES CASOS  
NOS PERMITE  
COMPREENDER  
AS DINÂMICAS  
E COBRAR QUE  
POPULAÇÕES  
VULNERÁVEIS  
SEJAM  
PAUTADAS NO  
PLANEJAMENTO

<sup>13</sup> Ver em "[A dor e a Luta: números do feminicídio](#)"

é trágica e nos impulsiona em direção a uma agenda urgente sobre essa matança, com relevante atenção para a situação de mulheres transexuais e travestis.

O Ceará é o estado onde a violência LGBTQIA+fóbica tem alcançado essa população cada vez mais cedo, tendo sido registrados casos contra adolescentes em 2020 e 2021. Moradora do município de Camocim, região Norte do Ceará, Keron Ravach, de apenas 13 anos, tornou-se a adolescente trans mais nova a ser assassinada no estado. O crime ocorreu em janeiro de 2021. Na Região do Cariri, duas jovens trans também foram vítimas de transfeminicídio. Luana e Pietra Valentina, de 20 e 16 anos, respectivamente, perderam suas vidas em abril de 2021 em decorrência de sua identidade de gênero. Nos registros de que conseguimos obter informações suficientes, o perfil dessa população que vem sendo vítima é: negra, assassinada por brigas ou crimes de ódio e vitimada por pessoas do próprio convívio.

### Casos de violência contra população LGBTQIA+ - junho de 2019 a maio de 2021

<b>BAHIA</b>	22
<b>CEARÁ</b>	50
<b>PERNAMBUCO</b>	15
<b>RIO DE JANEIRO</b>	26
<b>SÃO PAULO</b>	81
<b>TOTAL</b>	194

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

Mesmo com indicadores menores na comparação de um ano com outro, a elevada proporção de pessoas LGBTQIA+ assassinadas em relação aos dados da violência letal em geral faz com que essa situação mereça a atenção das autoridades e da própria sociedade. Urge a criação de políticas de prevenção específicas, bem como campanhas de conscientização sobre essa temática.

Embora consigamos traçar o cenário e o perfil mínimo dessas vítimas, é imprescindível pontuar que ainda temos informações insatisfatórias sobre os casos, resultando no grande número de “não informado” em nossa filtragem. O monitoramento é feito a partir da mídia local, mas por diversas vezes as notícias das editorias de Segurança Pública sobre o cotidiano estão condicionadas aos boletins de polícia, que nem sempre fornecem informações suficientes, principalmente sobre cor/raça das vítimas. Ademais, cobramos que a polícia esteja cada vez mais preparada para respeitar o nome social das vítimas transexuais e travestis, para que não resulte em nova vitimização quando o nome da pessoa morta se tornar público.

URGE A CRIAÇÃO  
DE POLÍTICAS  
DE PREVENÇÃO  
ESPECÍFICAS  
PARA PESSOAS  
LGBTQIA+

As dinâmicas criminais, por sua vez, vêm se alterando de forma contundente a partir de uma série de fatores que vão de disputas territoriais entre as facções até mesmo mudanças profundas nas políticas de segurança pública e prisional. Muito por causa disso, o Ceará lidera o número de registros de ações e ataques de grupos criminais dentre os estados monitorados pela Rede, com 155 eventos registrados.

### Ações e ataques de grupos criminais - junho de 2019 a maio de 2021

<b>BAHIA</b>	23
<b>CEARÁ</b>	155
<b>PERNAMBUCO</b>	17
<b>RIO DE JANEIRO</b>	19
<b>SÃO PAULO</b>	8
<b>TOTAL</b>	<b>222</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

Se no início do monitoramento da Rede, em junho de 2019, o Ceará despontava com um refluxo nos registros de homicídios, após dois anos de intensos conflitos entre grupos criminosos rivais, o ano de 2020 apresentou uma piora nos índices, com os meses de fevereiro e abril, por exemplo, batendo recordes de assassinatos na série histórica. O motim da Polícia Militar, que ocorreu entre os dias 18 de fevereiro e 2 de março de 2020, e os impactos das medidas de isolamento social, por causa da pandemia, fizeram com que a violência letal recrudescesse no Estado. O primeiro semestre de 2021 registra números melhores que o do mesmo período de 2020, mas eles ainda são mais elevados que os da época do nosso primeiro relatório.

É possível perceber que um processo de reordenamento espacial das facções está em curso após sucessivas baixas nas lideranças, certa dificuldade de articulação entre a rua e o presídio, bem como a própria escassez de recursos materiais e humanos diante de um conflito de tamanha magnitude.

Embora as ações espetaculares observadas em janeiro e setembro de 2019 não ocorram mais com tanta frequência, a presença do crime organizado ainda é uma constante no cotidiano da população, em especial das famílias mais vulneráveis moradoras das periferias.

A Rede tem se comprometido a pautar debates – denunciando casos, cobrando ações do poder público e fomentando iniciativas locais. Ainda que sua criação remonte a um período recente, é possível perceber que a incidência do Observatório já se faz notar nos meios de comunicação, nos movimentos sociais e, até mesmo, na forma como os órgãos de segurança passaram a lidar com questionamentos que hoje transcendem a esfera estadual, passando a ter abrangência nacional. A nossa força reside nessa fértil conjugação da produção cidadã de dados e de sua disseminação em uma ampla articulação entre pesquisadores, instituições e atores sociais.

É POSSÍVEL PERCEBER  
QUE UM PROCESSO DE  
REORDENAMENTO ESPACIAL  
DAS FACÇÕES ESTÁ EM CURSO

# TIRE O SEU PRECONCEITO DO CAMINHO QUE VAMOS PASSAR COM O NOSSO AMOR

---

## *Mães Pela Diversidade*

A Associação Mães pela Diversidade é composta por famílias de pessoas LGBTQIA+ que sabem da urgência de se construir espaços seguros e estratégias de (sobre)vivência para nossos filhos. Nosso coletivo nasceu há três anos no Ceará, mas já atua no resto do país há sete. Hoje reúne 70 famílias engajadas, mas queremos mais famílias fora do armário. Nós formamos, juntas, uma rede de suporte emocional. Atuamos, basicamente, em duas frentes: uma interna e outra externa.

Embora para pessoas mais pragmáticas possa parecer pequena, nossa rede de apoio é um dos nossos pontos de maior força. Não é fácil conviver com o número de casos de violência que, dia após dia, somos obrigadas a encarar. Dividimos sentimentos e angústias umas com as outras. Inventamos, coletivamente, modos de viver a vida sem deixar o medo prevalecer. Dividimos, ainda, estratégias de enfrentamento às dificuldades mais práticas: caminhos para retificação de nome social, para atendimentos especializados etc. A ausência de políticas públicas específicas e de acesso a informação mais organizada faz com que sejamos nós e nossas crias as desbravadoras dos trajetos possíveis para a construção e a efetivação de direitos.

Nossa atuação política “para fora” acontece na disputa por mais espaços institucionais, na busca por ampliação dos serviços de atendimento especializado, bem como na conquista e na efetivação de direitos das pessoas LGBTQIA+. Organizamos, ainda, protestos pedagógicos quando algum ato de homofobia/transfobia nos é reportado por algum filho. Temos ampliado nossa atuação junto a comunidades escolares e é esse o espaço que pensamos ser o mais importante no momento. Há que se construir um caminho curricular para a educação da sexualidade e da afetividade. Isso é urgente para que as pessoas cresçam com mais possibilidades de se sentirem bem consigo mesmas e com as outras, independentemente de suas identidades e orientações sexuais.

PERNAMBUCO

JUSTIÇA  
POR  
MIGUEL

[Change.org/JusticaPorMiguel](https://change.org/JusticaPorMiguel)

change.org

# ONDE OS MAIS JOVENS NÃO TÊM VEZ

---

*Dália Celeste e Edna Jatobá*

A Lei 8.069/90 – o Estatuto da Criança e do Adolescente – completa 31 anos em 2021. Infelizmente, porém, os dados coletados e sistematizados pela Rede de Observatórios da Segurança apontam para outra realidade, sobretudo em Pernambuco. A proteção integral e a prioridade absoluta do segmento de pessoas até 18 anos de idade ainda não fazem parte da realidade de muitas crianças e muitos adolescentes em nosso país.

De junho de 2019 até maio de 2021, a Rede de Observatórios da Segurança monitorou 1.473 eventos de violência contra crianças e adolescentes nos estados da Bahia, do Ceará, de Pernambuco, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Praticamente um terço desses casos (507) diz respeito a homicídios praticados contra pessoas de até 18 anos de idade.

Com relação ao total de violências monitoradas, Pernambuco desponta em terceiro lugar com o maior número de registros, totalizando 300, ficando atrás dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro: respectivamente, 353 e 324 eventos. São Paulo possui uma população quase cinco vezes maior, enquanto o Rio de Janeiro possui quase duas vezes a população de Pernambuco. Assim, analisando as taxas por 100 mil habitantes, vemos que Pernambuco registrou uma taxa de 3,1 casos, enquanto São Paulo registrou 0,8 caso e, o Rio de Janeiro, 1,8 por 100 mil habitantes.

Ao observarmos nossa colocação entre os estados, com relação aos indicadores de violência contra crianças e adolescentes, enxergamos a liderança de Pernambuco nas seguintes situações:

- Homicídios - 165 casos, num total de 507;
- Tentativas de homicídio - 27 casos, num total de 66;
- Os cinco únicos latrocínios;
- As três únicas tentativas de feminicídio;
- E o único feminicídio de menor de idade registrado no estudo.

O estado também ocupa o segundo lugar em número de crianças e adolescentes vítimas de balas perdidas (19 casos), liderando com folga entre os demais estados do Nordeste: Bahia (cinco casos) e Ceará (quatro casos); e perdendo apenas para o Rio de Janeiro (37 casos), local onde registros como esses figuram cotidianamente nos noticiários nacionais. O estado de São Paulo não registrou nenhuma criança ou adolescente vítima de bala perdida.

## Principais tipos de violência contra crianças e adolescentes - junho de 2019 a maio de 2021

	BAHIA	CEARÁ	PERNAM- BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	TOTAL POR TIPO
<b>HOMICÍDIO</b>	114	91	165	87	50	507
<b>TENTATIVA DE HOMICÍDIO</b>	6	16	27	6	11	66
<b>BALA PERDIDA</b>	5	4	19	37	0	65
<b>LATROCÍNIO</b>	0	0	5	0	0	5
<b>TENTATIVA DE FEMINICÍDIO</b>	0	0	3	0	0	3
<b>FEMINICÍDIO</b>	0	0	1	0	0	1

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

Ao fazermos um recorte dos dados, na maioria das situações, a violência parte de pessoas que fazem parte do círculo social mais próximo da criança. Nos eventos monitorados pela Rede, em Pernambuco, 41 casos foram protagonizados por pai, mãe, padrasto e/ou madrasta dessas vítimas. Houve, ainda, quatro por agentes do Estado (força policial), 33 por conhecidos, seis por outros familiares e outros 194 que não foram informados.

Ainda sobre o contexto das violências que acontecem dentro ou bem próximo às residências dessas crianças, é importante destacarmos o aumento de casos de abuso sexual. Entre junho de 2019 e maio de 2021, a Rede fez 54 registros de violência sexual e estupro no estado de Pernambuco. Comparando os meses de junho a dezembro de 2019 e o mesmo período em 2020, observamos um aumento de 14 para 25 ocorrências, correspondendo a um crescimento de 78,6%. O contexto de pandemia foi um fator que contribuiu para a elevação dos eventos, tendo em vista que essas crianças e esses adolescentes passaram a ficar mais tempo dentro de casa com seus familiares, conhecidos e/ou vizinhos, sendo eles, na maioria das situações, os responsáveis pelas agressões, conforme apontam os dados da Rede.

O CONTEXTO DE PANDEMIA FOI UM FATOR QUE CONTRIBUIU PARA A ELEVAÇÃO DOS EVENTOS, TENDO EM VISTA QUE ESSAS CRIANÇAS E ESSES ADOLESCENTES PASSARAM A FICAR MAIS TEMPO DENTRO DE CASA

Nesse período, a Rede de Observatórios também coletou diversas notícias sobre violência e violações contra adolescentes dentro do sistema socioeducativo pernambucano. Nesses centros, os adolescentes cumprem medidas em regime de internação ou semiliberdade, sob a tutela do Estado, e deveriam estar, a princípio, com seus direitos e sua integridade física resguardados. Infelizmente, mais uma vez, o Estatuto da Criança e do Adolescente não passa de letra fria num papel esquecido.

Parte dessas notícias descreve o horror encontrado durante inspeções realizadas pelo Gajop, em parceria com a Defensoria e o Ministério Público estaduais. São casos de adolescentes sendo torturados, perdendo órgãos após sessões de intensa tortura e submetidos a tratamento cruel, desumano e degradante, dentro de unidades de internação. Um desses registros se refere a uma unidade localizada no Recife, onde socioeducandos foram encontrados dormindo sem colchão, no chão frio, junto aos ratos e a poças d'água provenientes de infiltrações. Se na capital do estado, onde o controle social dos direitos da criança e do adolescente acontece de forma mais contínua e estruturada, ainda encontramos situações absurdas como as citadas, imagine-mos nos municípios distantes e de difícil acesso aos serviços de garantia desses direitos.

O ESTATUTO DA CRIANÇA  
E DO ADOLESCENTE NÃO PASSA  
DE LETRA FRIA NUM PAPEL  
ESQUECIDO

Por fim, foi em Pernambuco que acompanhamos com tristeza e revolta a morte do menino Miguel, criança de 5 anos, preta, abandonada à própria sorte num dos elevadores de um condomínio de luxo; a morte de Johnny Lucindo Ferreira, adolescente de 17 anos, atingido com um tiro na nuca disparado pela polícia, que alegou uma situação de legítima defesa, e a morte de uma adolescente grávida que sequer teve seu nome revelado nas matérias de jornal, assassinada pelo próprio pai, pois feminicídio não poupa crianças e adolescentes. Nos três casos, o desfecho expõe o racismo, o classismo e o machismo letais, profundamente entranhados em nossa sociedade.

#### Linchamentos e tentativas monitorados - junho de 2019 a maio de 2021

	BAHIA	CEARÁ	PERNAM- BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	TOTAL POR TIPO
<b>LINCHAMENTO</b>	15	25	41	22	13	<b>116</b>
<b>TENTATIVA DE LINCHAMENTO</b>	14	15	15	3	7	<b>54</b>
<b>TOTAL POR ESTADO</b>	<b>29</b>	<b>40</b>	<b>56</b>	<b>25</b>	<b>20</b>	<b>170</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

Outro ponto que merece atenção nos dados do estado são casos das categorias Linchamento ou Tentativas de Linchamento. Aqui tratamos dos números para todos os grupos etários, e não apenas para crianças e adolescentes, embora existam linchamentos e tentativas praticados contra pessoas desse grupo. Antes mesmo do início formal do monitoramento dos indicadores pela Rede, no período de teste, Pernambuco apresentou um quadro diferente dos

outros estados, solicitou a inclusão desse indicador que até então não figurava entre os escolhidos para observação, e, a partir daí, seguiu na liderança do total deste tipo de caso.

Ainda enfrentamos dificuldades para encontrar a cor das pessoas que foram linchadas ou quase linchadas nas notícias analisadas diariamente. No estado de Pernambuco, dos 56 eventos monitorados, em 31 (mais da metade) não temos essa informação. Dos 25 casos que possuem essa informação, 19 são pessoas pretas, duas são pardas e quatro são brancas. Mas não é preciso nenhum esforço para imaginar qual seria a cor não informada das outras 31 pessoas. Pegando emprestado o mote da campanha: “Imagine a dor, adivinhe a cor”. São essas pessoas, que cada vez mais jovens deixam de ter voz, silenciadas pela violência, deixam de ter vez, desumanizadas pelo racismo.

**Cor ou raça da vítima em linchamento e tentativa de linchamento - junho de 2019 a maio de 2021**

	<b>BAHIA</b>	<b>CEARÁ</b>	<b>PERNAM-BUCO</b>	<b>RIO DE JANEIRO</b>	<b>SÃO PAULO</b>	<b>TOTAL COR OU RAÇA</b>
<b>SEM INFORMAÇÃO</b>	20	37	31	20	20	<b>128</b>
<b>PARDA</b>	0	2	2	1	0	<b>5</b>
<b>PRETA</b>	9	1	19	0	0	<b>29</b>
<b>BRANCA</b>	0	0	4	4	0	<b>8</b>
<b>TOTAL POR ESTADO</b>	<b>29</b>	<b>40</b>	<b>56</b>	<b>25</b>	<b>20</b>	<b>170</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

# ONDE CRIANÇAS E JOVENS PODEM SONHAR

*Ciro Henrique S. Da Silva - Jovem multiplicador do GCASC*

O Grupo Comunidade Assumindo Suas Crianças (GCASC) trata-se de uma Organização Não Governamental (ONG), voltada à valorização da vida através da arte e da cultura. A ONG está situada em Peixinhos, terceiro bairro mais populoso de Olinda, cidade patrimônio cultural da humanidade, e luta pelas vidas das crianças, dos adolescentes, dos jovens e de seus familiares, para que todos tenham o direito de sonhar.

Peixinhos é um bairro rico em cultura popular, com sua diversidade de artistas, e se faz celeiro cultural da cidade, ao mesmo tempo que é um bairro onde a violência passou a fazer parte do cotidiano da população. Dessa forma, o grupo atua, há 36 anos, de diversas maneiras, seja buscando suprir as necessidades básicas para a sobrevivência, como alimentação e higiene, seja realizando círculos restaurativos de autoconhecimento e incentivo às artes.

O ano é 2021, vivemos uma pandemia em que as consequências mais duras do isolamento social, ausência dos serviços básicos e fechamento do comércio, ocorrem aqui nas periferias. Hoje, no GCASC, em meio a esse caos, estamos promovendo diversas ações, porque o sonho não pode parar.

Promovemos ações humanitárias como a “Sacola do saber e fazer”, que são sacolas recheadas de informações, materiais pedagógicos e um saboroso lanche para nossas crianças; o “Acorda povo: Por uma cultura de paz e contra o extermínio da juventude negra”, com uma live, pelo YouTube, preservando a cultura popular; e o projeto “Mães da Saudade”, que enfrenta a banalização da morte, pela voz das mulheres que perderam seus filhos para a violência urbana. Junto a jovens da comunidade, essas mães passam por formações de incidência política e acolhimento, gerando ações humanitárias, como as colagens de “lambe-lambes”, informando a própria comunidade sobre a realidade violenta que insiste no bairro, transformando o luto em luta.

Por fim, trago esse poema do nosso querido poeta do bairro, Oriosvaldo de Almeida, para refletirmos e pensarmos coletivamente em possibilidades outras, em que as nossas crianças e os nossos jovens possam sonhar muito mais do que ser um sobrevivente, e que suas vivências possam ser atravessadas por muito mais cultura, educação e arte.

*“Os meninos chutam/  
Garrafas plásticas/ Como  
se fossem/ As melhores  
bolas/[...]/ A vida para eles/  
Parece dinâmica/ A vida  
deles é um sonho/ O sonho  
de ser artilheiro/ Na vida/  
O sonho cotidiano/ De ser  
um sobrevivente”*

*Poema: A farra dos  
meninos*

QUAIS AS  
VIDAS QUE  
IMPORTAM  
JACARE  
ZINHO  
PEDE  
PAZ



JANTIMOR MORA VIANA  
TIRICA E QUESTAO  
DE SAUDE  
HAU DE POLICIA

RIO DE JANEIRO

# RESISTIMOS A UM LUTO QUE NUNCA CESSA

Bruna Sotero e Pedro Paulo Silva

Dos 8.016 casos monitorados pela Rede de Observatórios no Rio de Janeiro em dois anos, 5.617 são ações de policiamento que incluem operações policiais, patrulhamentos e ações de combate ao coronavírus – isto é, ações realizadas por agentes de segurança com objetivo de coibir aglomerações, festas e outras violações do protocolo de segurança da covid-19. O estado tem 31,1% do total de operações policiais da Rede de Observatórios. À vista dessa questão, o objetivo desse texto é brevemente traçar o perfil dessas ações policiais que têm a Polícia Militar (2.956), a Polícia Civil (1.551) e a Polícia Federal (190) como suas principais protagonistas. Com esse luto que nunca cessa, o Observatório do Rio de Janeiro novamente se volta ao tema das operações policiais e seus desdobramentos.

A rotina de constantes ações policiais resulta sobretudo em altíssimos números de mortos. Monitoramos 856 mortos (sendo 29 crianças e adolescentes) e mais 727 feridos durante tais ações. Guardamos na memória e choramos pelo assassinato de pessoas como Katlhen e seu bebê de quatro meses ainda na barriga; João Pedro enquanto brincava com os primos em casa; Thiago Conceição que morreu ao ser baleado na cabeça dentro de casa, no Complexo da Penha, e tantos outros.

## Tipos de policiamento - junho de 2019 a maio de 2021

	BAHIA	CEARÁ	PERNAM-BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	TOTAL
<b>PATRULHAMENTO</b>	1.520	890	151	3.316	4.428	<b>10.305</b>
<b>OPERAÇÃO POLICIAL</b>	536	774	1.989	2.067	1.350	<b>6.716</b>
<b>AÇÕES DE COMBATE AO CORONAVÍRUS</b>	69	190	120	234	408	<b>1.021</b>
<b>TOTAL POR ESTADO</b>	<b>2.125</b>	<b>1.854</b>	<b>2.260</b>	<b>5.617</b>	<b>6.186</b>	<b>18.042</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

Nos dois anos de monitoramento, a maior parte do tempo foi sob contexto de pandemia (de março de 2020 até maio de 2021) e, pelo menos um ano, sob vigência da ADPF de Favelas (desde junho de 2020), com a qual o Supremo Tribunal Federal (STF) proíbe ações policiais em favelas durante a pandemia<sup>14</sup>. Isso não impediu que 43,6% das operações policiais ocorressem em favelas, periferias e bairros populares. Além disso, monitoramos um aumento de 33,9% apenas nas operações policiais de janeiro a maio de 2021 em relação ao mesmo período do ano anterior. Nem a pandemia e a ADPF foram capazes de conter as operações. Na verdade, houve um aumento de operações policiais em comparação ao mesmo período do ano passado – quando nos dois primeiros meses ainda não tínhamos pandemia nem a ADPF.

<sup>14</sup> <https://www.adpfdasfavelas.org/>

### Operações policiais no Rio de Janeiro - janeiro a maio de 2020 e 2021

	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	TOTAL	DIFERENÇA (%)
<b>2020</b>	43	50	73	66	84	316	<b>33,86</b>
<b>2021</b>	45	94	118	94	72	423	

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

Outra característica é a ocorrência de chacinas – ou seja, ações com três ou mais pessoas mortas: de 92 casos registrados no estado, 64 têm como motivação operações policiais. Em maio deste ano, tivemos no Jacarezinho a maior chacina já registrada durante operação policial no Rio de Janeiro. O dia 6 de maio de 2021 entrou para a história como o dia em que 27 pessoas foram executadas pela polícia – em retaliação à morte de um policial civil. Uma tragédia para o Rio de Janeiro, principalmente para os que vivem em favelas, que, mesmo com impedimento do STF, veem os seus sendo vítimas de uma política de segurança totalmente ineficaz de combate às drogas.

A CHACINA DO JACAREZINHO É UMA TRAGÉDIA PARA O RIO DE JANEIRO, PRINCIPALMENTE PARA OS QUE VIVEM EM FAVELAS

Também monitoramos as vitimações expressivas de agentes do Estado. Diariamente, assim como as notícias sobre operações e violências decorrentes delas, também são numerosos os registros de policiais feridos e mortos dentro e fora de serviço. Em dois anos, foram 222 agentes feridos, agredidos ou que sofreram tentativa de homicídio e 130 foram mortos. Os próprios agentes não estão imunes à ineficácia da política pública de segurança contra na dita “guerra às drogas” e que faz suas vítimas de todos os lados.

### Tipos de vitimização de agentes do Estado\* - junho de 2019 a maio de 2021

	BAHIA	CEARÁ	PERNAM-BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	TOTAL POR TIPO
<b>AGRESSÃO FÍSICA/FERIMENTO NÃO LETAL/TENTATIVA DE HOMICÍDIO</b>	45	32	22	222	94	<b>415</b>
<b>HOMICÍDIO</b>	31	25	32	130	66	<b>284</b>
<b>MORTE POR CORONAVÍRUS</b>	14	10	0	24	35	<b>83</b>
<b>AFASTAMENTO E OUTROS POR CORONAVÍRUS</b>	27	8	0	10	32	<b>77</b>
<b>OUTROS</b>	2	4	0	3	5	<b>14</b>
<b>SEQUESTRO</b>	0	0	0	7	2	<b>9</b>
<b>ROUBO</b>	3	2	2	0	1	<b>8</b>
<b>LATROCÍNIO E TENTATIVA</b>	0	0	3	0	5	<b>8</b>
<b>SUICÍDIO</b>	1	0	0	1	4	<b>6</b>
<b>NÃO INFORMADO</b>	4	0	0	0	2	<b>6</b>
<b>TOTAL POR ESTADO</b>	<b>127</b>	<b>81</b>	<b>59</b>	<b>397</b>	<b>246</b>	<b>910</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

\*Em cada caso pode haver mais de um tipo de violência, por exemplo: um sequestro seguido de homicídio. Por isso, os totais não são iguais ao número de agentes vitimados.

Ao todo, foram 388 agentes vitimados, a maior parte de policiais militares (309), seguidos de policiais civis e agentes das forças armadas, ambos com 20 vítimas. Em 331 casos, as vítimas foram atingidas por armas de fogo e 295 aconteceram na rua ou em algum espaço público.

#### Força dos agentes do Estado vitimados - junho de 2019 a maio de 2021

	BAHIA	CEARÁ	PERNAM- BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO
<b>POLÍCIA MILITAR</b>	68,2%	64,2%	81,4%	79,6%	58,5%
<b>AGENTE PENITENCIÁRIO</b>	7,6%	14,8%	1,7%	1,5%	10,6%
<b>POLÍCIA CIVIL</b>	11,4%	12,3%	11,9%	5,2%	9,8%
<b>GUARDA MUNICIPAL</b>	6,1%	3,7%	3,4%	3,4%	17,9%
<b>AGENTE DO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO</b>	0,8%	2,5%	0,0%	1,5%	1,2%
<b>POLÍCIA RODOVIÁRIA FEDERAL</b>	0,0%	1,2%	1,7%	0,5%	0,4%
<b>BOMBEIRO</b>	0,0%	1,2%	0,0%	1,5%	0,4%
<b>FORÇAS ARMADAS</b>	2,3%	0,0%	0,0%	5,2%	0,4%
<b>POLÍCIA FEDERAL</b>	2,3%	0,0%	0,0%	1,0%	0,4%
<b>SEGURANÇA PRESENTE</b>	1,5%	0,0%	0,0%	0,5%	0,0%
<b>FORÇA NACIONAL</b>	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

O perfil racial das vítimas é difícil traçar, porque a maioria dos registros de cor é desconhecida: em 388 casos, 333 não possuíam dados sobre a cor das vítimas. Dessa forma, como os números anteriormente citados em outros relatórios da Rede de Observatórios, seja cidadão ou agente do Estado, homens negros predominam nos dados sobre vitimação e também perdura o silêncio sobre a cor das vítimas.

#### Cor ou raça dos agentes do Estado vítimas de violência - junho de 2019 a maio de 2021

	BAHIA	CEARÁ	PERNAMBUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	TOTAL POR RAÇA OU COR
<b>SEM INFORMAÇÃO</b>	97	67	59	333	163	<b>719</b>
<b>BRANCA</b>	9	9	0	19	62	<b>99</b>
<b>PRETA</b>	21	3	0	18	12	<b>54</b>
<b>PARDA</b>	0	2	0	18	9	<b>29</b>
<b>TOTAL POR ESTADO</b>	<b>127</b>	<b>81</b>	<b>59</b>	<b>388</b>	<b>246</b>	<b>901</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

Analisando as motivações desses crimes, vemos que em mais da metade dos casos (212) os agentes foram vítimas fora do serviço. Por exemplo, 62 agentes foram vitimados em briga, vingança ou execução e 42 em latrocínios. Foram ao menos 162 os policiais mortos em serviço, o que de certa forma minimiza a imagem do policial herói morto em combate, mostrando que a grande vulnerabilidade é enquanto o agente está fora do horário de serviço. Nesse sentido, é preciso que as instituições desenvolvam mecanismos voltados para diminuição de vitimação de agentes, sobretudo quando esses estão fora de serviço e podem ser vítimas ou presenciar um assalto, por exemplo.

### **Circunstância de vitimação de agentes do Estado no Rio de Janeiro - junho de 2019 a maio de 2021**

<b>CIRCUNSTÂNCIA DA VITIMIZAÇÃO</b>	<b>%</b>
<b>EM SERVIÇO</b>	45,4%
<b>BRIGA, VINGANÇA OU EXECUÇÃO</b>	16,0%
<b>ROUBO SEGUIDO DE MORTE (LATROCÍNIO)</b>	10,8%
<b>TENTATIVA DE ASSALTO</b>	8,5%
<b>CORONAVÍRUS</b>	8,2%
<b>NÃO INFORMADO</b>	7,5%
<b>ROUBO</b>	1,0%
<b>SEQUESTRO</b>	1,0%
<b>FORA DE SERVIÇO</b>	0,5%
<b>TENTATIVA DE EXECUÇÃO</b>	0,5%
<b>TENTATIVA DE LATROCÍNIO</b>	0,3%
<b>TIROTEIO</b>	0,3%

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

Enquanto a ideia de que segurança pública se faz majoritariamente com policiamento estiver sendo alimentada, seguiremos contabilizando a morte de corpos negros, tanto de um lado quanto de outro.

# NARRATIVAS DA FAVELA

---

*Thiago Nascimento - LabJaca*

No Jacarezinho, bairro da Zona Norte do município do Rio de Janeiro, convivemos com a ausência seletiva que reforça a construção de uma invisibilidade das precárias condições de vida, trabalho e lazer do morador. Estamos fisicamente escondidos entre uma avenida e um viaduto. São 37.839 mil pessoas e um dos piores índices de desenvolvimento humano, a partir de dados do IBGE, entre os bairros da cidade. É um local onde a violência se faz presente de forma notória enquanto as políticas sociais voltadas a gerar impacto positivo para a favela são negligenciadas. Recentemente tomamos o noticiário internacional ao vermos a maior chacina policial da história do Rio de Janeiro acontecer onde nascemos. Por isso, se faz necessário potencializar esforços por meio de ações que atentem à realidade social, ambiental e política do território, considerando que ele há décadas vem sendo marginalizado pelo poder público.

Em 2020, durante a pior crise sanitária da história, criamos uma campanha chamada “Jaca contra o Corona”, que atuou na favela do Jacarezinho e atendeu 3.500 famílias com distribuição de cestas básicas, kits de higiene, máscaras, álcool em gel e kits para bebês, com fraldas e leite para mães em situação de vulnerabilidade. A escassez de dados ficou evidente para nós enquanto fazíamos a campanha. Quando buscávamos informações sobre o território, as informações estavam sempre desatualizadas, o que impactava a efetividade da nossa ação. Nos deparamos com as subnotificações com relação à Covid-19 e com dados apresentados pelo poder público que se distanciavam – e muito – do que estávamos coletando.

A partir disso, nasce o LabJaca, que se propõe a ser um laboratório de produção de dados para a construção de narrativas audiovisuais da favela, com um olhar interno, de morador, e com toda a potência de uma geração cidadã de dados. Acreditamos que sem dados condizentes com a realidade não é possível termos políticas públicas efetivas que venham a elevar a qualidade de vida do morador de favela.

Em apenas um ano de atuação, já fomos premiados pela Comissão de Direitos Humanos da Alerj (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro) e pela Secretaria de Juventude do Município pela nossa atuação na campanha “Jaca contra o Corona”. Também promovemos um financiamento coletivo na Benfeitoria para uma pesquisa em que analisaremos o impacto socioeconômico da Covid-19 no Jacarezinho. Nós produzimos, ainda, dados sobre o custo de operações policiais em comparação com as políticas sociais que poderiam ser feitas para a favela e temos muitos outros projetos em andamento.

Mesmo após a maior chacina policial da história do Rio de Janeiro, construímos um grafite que trouxe mais de 30 grafiteiros para a favela. Uma semana após o ocorrido, transformando os muros que antes estavam cravejados de balas em arte. Desse modo, seguimos o nosso objetivo de desmarginalizar a favela na narrativa da mídia hegemônica e do poder público, sobre a favela, baseando-nos em evidências para cobrar políticas públicas que venham realmente fomentar essas localidades. A favela é potência e produz conhecimento que deve ser valorizado.

# SÃO PAULO



S.O.S. CINEMATECA

QUEM MANDOU MATAR MARIELLE

FASCISTAS NÃO PASSARÃO

VIDAS NEGRAS IMPORTAM

FORA BOLSONARO

PAREM DE NOS MATAR

VIDAS NEGRAS IMPORTAM

# O SILÊNCIO PERDE ESPAÇO PARA A DENÚNCIA

Bruno Paes Manso e Francine Ribeiro

Os dados monitorados pela Rede de Observatórios em São Paulo mostram que o silêncio condescendente com o preconceito tem perdido espaço para a exposição e, logo, para a denúncia. O estado concentrou 10.934 de todos os 31.535 eventos ao longo de dois anos. Alguns indicadores tiveram um exponencial crescimento de casos, um olhar mais atento da imprensa e, em paralelo, o amplo compartilhamento nas redes sociais – a começar pelos crimes dirigidos às minorias e as violências contra a população LGBTQIA+, cujos 41,7% dos registros da Rede aconteceram em São Paulo.

As motivações das violências contra a população LGBTQIA+, revelam que a cada 10 vítimas, quatro estão relacionadas a LGBTQIA+fobia e aos crimes de ódio, e que esses crimes são protagonizados majoritariamente por desconhecidos. Isto é, a não aceitação da diversidade move estranhos a aniquilarem vidas destoantes ao padrão heteronormativo. Entre as vítimas estão a travesti Marcia e a transexual Milena: ambas foram mortas em um final de semana em Ribeirão Preto. Esses casos convergem com a onda conservadora atual de nosso país.

A NÃO ACEITAÇÃO DA DIVERSIDADE MOVE ESTRANHOS A ANIQUILAREM VIDAS DESTOANTES AO PADRÃO HETERONORMATIVO

## Motivações de violência contra população LGBTQIA+\* - junho de 2019 a maio de 2021

	BAHIA	CEARÁ	PERNAM-BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	TOTAL POR MOTIVAÇÃO
<b>SEM INFORMAÇÃO</b>	11	31	1	2	22	<b>67</b>
<b>CRIME DE ÓDIO/ LGBTQIA+FOBIA/ DISCRIMINAÇÃO</b>	10	8	15	19	35	<b>87</b>
<b>BRIGAS/TÉRMINO DE RELACIONAMENTO/ VINGANÇA</b>	0	9	2	4	12	27
<b>ROUBO/LATROCÍNIO/ FURTOS</b>	1	1	0	1	5	8
<b>ESTUPRO</b>	0	0	0	1	0	<b>1</b>
<b>HOMICÍDIOS/EXECUÇÕES</b>	0	0	0	1	1	2
<b>OUTROS</b>	0	1	1	0	6	8
<b>TOTAL POR ESTADO</b>	22	50	19	28	81	200

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

\*Cada caso pode ter mais de uma motivação, por isso o número total de motivações é superior ao número de eventos registrados.

Em março de 2021, o boletim “[A Dor e a Luta: números do feminicídio](#)” apontou que São Paulo detém quase metade dos números monitorados de Feminicídio e violência contra a mulher. Essa ocorrência é a segunda com mais entradas na região, totalizando 1.375 casos nos dois anos de monitoramento da Rede. Isso tudo em um cenário em que a imprensa e as autoridades, mesmo diante de provas, classificam os crimes como homicídio.

Chama a atenção também o aumento de 73% em registros de tentativas de feminicídio nos cinco primeiros meses de 2021 em relação a 2020. É fato que a pandemia agravou a realidade das mulheres que, em maior convívio com seus principais algozes, estiveram mais vulneráveis. Cabe destacar que os meios para realizar esses crimes ganharam novos métodos, ou melhor, os casos com extrema crueldade vieram à tona nas notícias de maneira incisiva, como o cárcere privado associado à tortura. Nessas circunstâncias, as mulheres foram mortas aos poucos e isso testemunha uma falha civilizatória da sociedade.

#### **Tipos de feminicídio e violência contra a mulher em São Paulo e a variação ano sobre ano - janeiro a maio de 2020 e 2021**

	<b>JANEIRO - MAIO DE 2020</b>	<b>JANEIRO - MAIO DE 2021</b>	<b>DIFERENÇA (%)</b>
<b>TENTATIVA DE FEMINICÍDIO/ AGRESSÃO FÍSICA</b>	111	192	<b>72,97</b>
<b>FEMINICÍDIO</b>	66	111	<b>68,18</b>
<b>VIOLÊNCIA SEXUAL/ESTUPRO</b>	36	52	<b>44,44</b>
<b>HOMICÍDIO</b>	0	15	<b>0,00</b>
<b>AGRESSÃO VERBAL/AMEAÇA</b>	27	0	<b>-100,00</b>
<b>TORTURA/CÁRCERE PRIVADO/ SEQUESTRO</b>	9	1	<b>-88,89</b>
<b>TENTATIVA DE HOMICÍDIO</b>	0	1	<b>0,00</b>
<b>BALA PERDIDA</b>	0	0	<b>0,00</b>
<b>OUTROS</b>	4	1	<b>-75,00</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

Os casos de estupro se multiplicaram: enquanto nos primeiros cinco meses de 2020 foram registrados 36 casos, no mesmo período de 2021 foram 52 casos, um aumento de 44%. Esse número pode ser ainda maior porque sabemos que o crime sexual traz constrangimento à vítima, além do trauma ao revivê-lo quando se faz a denúncia, o que faz com que muitas decidam pela não exposição da violência sofrida.

Já os registros de violências, abusos e excessos praticados por policiais somaram 574 casos em dois anos nos cinco estados da Rede. Apesar da pandemia, os casos de agressão física no segundo semestre de 2020, apenas em São Paulo, aumentaram em 156%; as execuções saltaram de cinco para 31; e as ocorrências de ameaça, coação e intimidação aumentaram de quatro para 17, em relação ao mesmo período do ano anterior. Também tivemos o início de ano mais crítico quanto às execuções de janeiro a maio de 2021, pois verificou-se um aumento de 33%, quando comparado ao mesmo período em 2020.

### Tipos de abusos, violências e excessos de agentes do Estado em São Paulo - junho a dezembro de 2019 e 2020

	JUNHO A DEZEMBRO DE 2019	JUNHO A DEZEMBRO DE 2020
<b>AGRESSÃO FÍSICA</b>	<b>23</b>	<b>59</b>
<b>EXECUÇÕES</b>	<b>5</b>	<b>31</b>
<b>ROUBO/FURTO</b>	<b>4</b>	<b>4</b>
<b>COAÇÃO, INTIMIDAÇÃO, AMEAÇA</b>	<b>4</b>	<b>17</b>
<b>VIOLAÇÃO DE PROPRIEDADE</b>	<b>1</b>	<b>4</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

Os números e as estatísticas chocam, mas o que mais toca cada pesquisadora é estar em contato com esse cenário de injustiça e ver a continuidade do *modus operandi* da conduta policial percorrer os anos. Por outro lado, as manifestações contrárias aos abusos cometidos por agentes policiais aconteceram, além de outras manifestações, greves e protestos. Em relação aos cinco primeiros meses de 2021, o número de manifestações mais que triplicou, passando de 107 registrados em 2020 para 352 em 2021. Mesmo com todos os riscos ao se expor na rua por conta da disseminação da Covid-19, reivindicar o direito à vida e o respeito por parte da força policial levou uma série de familiares, amigos e grupos da sociedade civil para lutar por essa causa.

# POR QUE SEGUIMOS EM MARCHA!

---

*Por Marcha das Mulheres Negras de São Paulo*

A Marcha das Mulheres Negras de São Paulo (MMNSP) é um espaço suprapartidário, suprarreligioso, autônomo e independente, de construção horizontal, não vinculado a qualquer organização ou governo, que propõe um retorno à unicidade da luta da mulher negra, cis ou transexual, lésbica, bissexual contra as opressões racistas, machistas e de forte cunho capitalista. Em 2016, realizamos a primeira marcha na cidade de São Paulo pelo 25 de julho: Dia Internacional da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha e Dia Nacional da Mulher Negra em homenagem à quilombola Tereza de Benguela.

O nosso trabalho se pauta pelo debate necessário sobre as questões de gênero, raça e classe. Somos muitas e a nossa força está na pluralidade de vozes de toda a diversidade de mulheres negras alinhadas com o projeto emancipador da Marcha, que começa com a manutenção da nossa vida.

A MMNSP orienta-se pelo fortalecimento da luta das mulheres negras e na construção do bem viver, o que significa atuar de modo a garantir apoio à auto-organização. Somos legado da grande Marcha Nacional das Mulheres Negras contra o racismo, a violência e pelo bem viver, que levou a Brasília cerca de 50 mil mulheres de todo o Brasil em 2015.

Embora nosso grande ato público seja nas ruas no dia 25 de julho, nós compreendemos a importância de continuarmos em marcha para além das ruas, em formação continuada com o objetivo de avançar em nossas pautas e fortalecer os nossos laços, formando assim novos quadros políticos de enfrentamento ao racismo. Assim, atuamos em três vertentes:

- a. Processo de formação e autoformação política – realização de momentos formativos como o Narrativas de Liberdade, o Projeto Aquilombar, entre outros;*
- b. Cuidado e autocuidado – acolhimento das demandas das mulheres da nossa comunidade e ações de solidariedade por meio do Fundo Solidário;*
- c. Incidência política sobre as nossas pautas – em diálogo com parlamentares e outros movimentos.*

Em 2020, o nosso principal desafio foi o atendimento a demandas de combate à fome. A fome no Brasil tem raça e gênero, sabemos. Por isso, lançamos o Fundo Solidário onde cadastramos famílias que estavam sofrendo de alta insegurança alimentar. Junto com o alimento, entregamos uma carta onde politizamos a entrega da cesta e convidamos as mulheres a conhecerem a Marcha das Mulheres Negras de São Paulo. Todos os meses, auxiliamos de forma fixa cerca de 30 famílias.

Ao longo de abril de 2021, mais 100 famílias foram auxiliadas por meio da campanha #temgentecomfome junto à Coalizão Negra por Direitos, frente de organizações do movimento negro da qual a Marcha faz parte. O público dessas ações são famílias, em sua maioria chefiadas por mulheres negras que não estão conseguindo nenhum sustento. Nunca substituiremos o papel do Estado na obrigação de alimentar seu povo, mas jamais deixaremos nossas irmãs abandonadas sem ter como alimentar suas famílias. Seguimos em marcha!

# QUEM FAZ A REDE DE OBSERVATÓRIOS

Baseados em sete estados, os integrantes da Rede combinam metodologia de pesquisa rigorosa, monitoramento diário, diálogo com a sociedade civil e conhecimento da realidade local para fazer análises sobre violência e segurança pública.

CEARÁ



Ana Letícia Lins



Luciene da Silva  
Santana



Cesar Barreira



Dudu Ribeiro

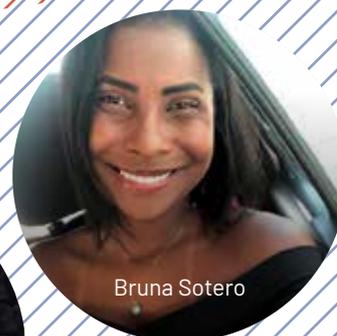
BAHIA



Ricardo Moura



Juliana Gonçalves



Bruna Sotero



Marcos Vinicius



Ana Paula Andrade



Pablo Nunes



Itamar Silva



Pedro Paulo  
da Silva



Jonas Pacheco



Renato Cafuzo



Silvia Ramos

RIO DE JANEIRO

## PERNAMBUCO



Dália Celeste



Deila Martins



Bruno Paes Manso



Edna Jatobá



Francine Ribeiro

## SÃO PAULO



Luiz Eduardo  
Lopes Silva



Thiago Brandão  
Lopes

## MARANHÃO



Lila Cristina  
Xavier Luz



Elton Guilherme

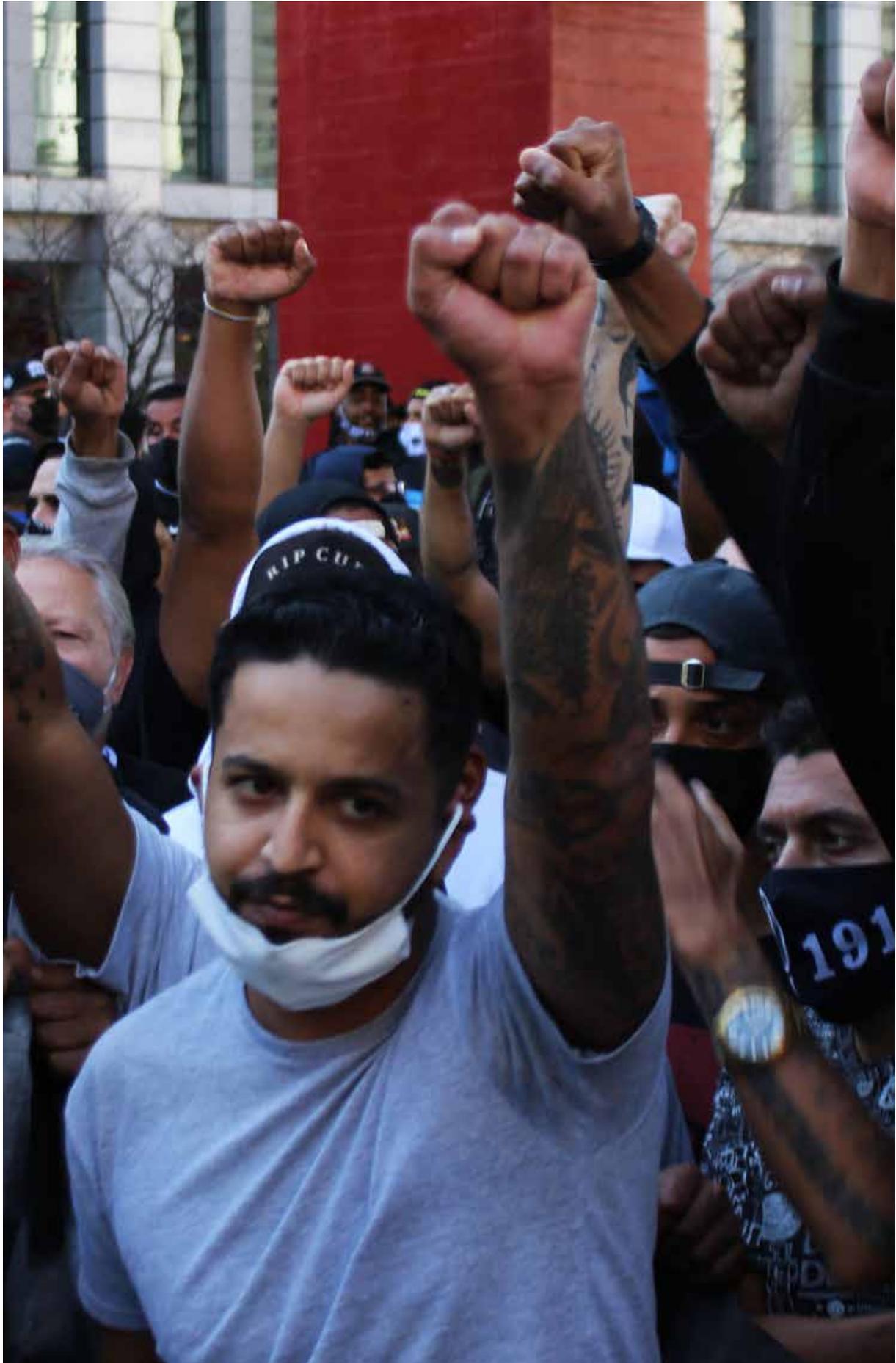


Marcondes Brito  
da Costa



Maria D'alva Macedo  
Ferreira

## PIAUI



SOBRE O RELATÓRIO  
Edição: Juliana Gonçalves  
Design: Refinaria Design  
Revisão: Táia Rocha

Fotos:  
**Alma Preta:** Páginas 35 e 42  
**Arthur Souza:** Página 23  
**Bruno Itan:** Página 29  
**Felipe Iruatã:** Capa, 3, 13, 18

REALIZAÇÃO



Centro de Estudos de Segurança e Cidadania



[observatorioseguranca.com.br](http://observatorioseguranca.com.br)



@redeobservatorios



@rede\_seguranca



@rededeobservatorios

BAHIA

CEARÁ

MARANHÃO

PERNAMBUCO

PIAUÍ

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO



APOIO



FORD  
FOUNDATION

APOIO INSTITUCIONAL



UNIVERSIDADE  
CANDIDO  
MENDES